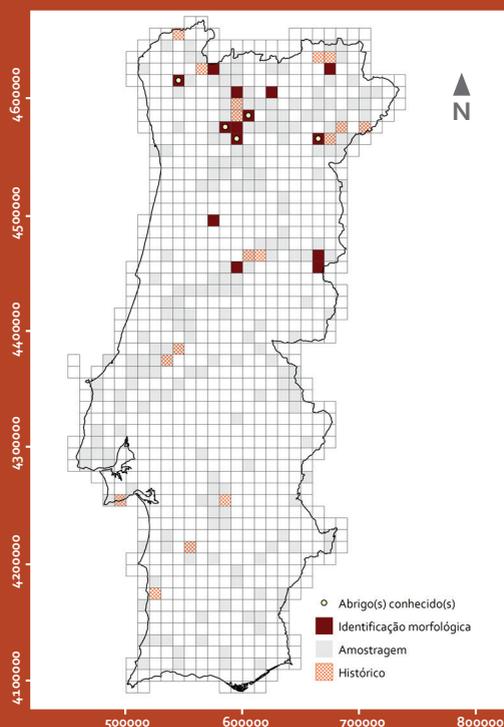


# *Plecotus auritus* (LINNAEUS, 1758)

## Morcego-orelhudo-castanho



*Plecotus auritus* (LINNAEUS, 1758)

### QUESTÕES TAXONÓMICAS E DE IDENTIFICAÇÃO

A taxonomia desta espécie encontra-se atualmente em revisão na península Ibérica, devido à possibilidade da existência da subespécie *P. auritus begognae* [276] e de uma espécie críptica, *P. macrobullaris* (circunscrita aos Pirenéus) [39].

Esta espécie é facilmente identificável através de caracteres morfológicos, destacando-se a presença de orelhas bastante compridas, quase do comprimento do próprio corpo, característica do género *Plecotus*. No entanto, nesta espécie em particular o pelo é bastante acastanhado com o trago translúcido [271]. Morfológicamente muito semelhante a *P. austriacus* (morcego-orelhudo-cinzentos), sendo as respetivas ecolocalizações indistinguíveis [44].

As espécies do género *Plecotus* são de particular difícil deteção através de um detetor de ultrassons devido à baixa intensidade das vocalizações (espécie sussurrante). No entanto, os pulsos produzidos pelas espécies deste género são bastante característicos e únicos nos morcegos em Portugal por terem pulsos duplos. Os pulsos poderão ter frequências de máxima energia entre os 18 e os 25 kHz e serem FM/QCF ou amplitudes máximas entre os 30 e os 40 kHz e serem FM, a taxa de repetição é elevada (intervalo entre pulsos menor que 100) [44].

### DISTRIBUIÇÃO

**Global:** Ocorre desde a Escandinávia ao sul da Europa (a sul dos 65°N, a oeste dos Montes Urais e a norte do Cáucaso), sendo mais comum na Europa Central do que no Mediterrâneo, onde tem geralmente uma distribuição fragmentada e restrita a áreas montanhosas (elevadas altitudes) [39, 274]. Encontram-se registos noutros locais fora da Europa, nomeadamente Mongólia, Sibéria, China, Japão, Coreia, Índia e Nepal [277].

**Nacional:** Existem poucos registos em Portugal, aparentando ser mais abundante a norte, embora

com distribuição bastante fragmentada. O número de registos diminui para sul, não havendo registos para a zona do Algarve [24].

## HABITAT

**Abrigos:** Espécie maioritariamente arborícola, associada à presença de áreas florestadas [57]. Poderá ocorrer, embora menos frequentemente, em parques urbanos [271]. Abrigos geralmente em cavidades ou fissuras em árvores, mas poderá também utilizar edifícios (sótãos, igrejas, caves, habitações abandonadas), geralmente localizados próximos de áreas de alimentação [57]. Durante a hibernação utilizam também abrigos subterrâneos (minas e grutas) onde podem ser encontrados geralmente perto da entrada da cavidade, provavelmente devido à sua elevada tolerância às baixas temperaturas [278].

**Áreas de alimentação:** Pode ocorrer tanto em florestas de folhosas como de coníferas, no entanto aparenta preferir florestas maduras de folhosas, possivelmente pela maior diversidade de alimento disponível [279]. Alimenta-se geralmente em áreas arborizadas, utilizando também estruturas lineares da paisagem tais como zonas limite de florestas e galerias ripícolas. Bastante ágil em espaços confinados, possuindo um voo lento e baixo [151]. Devido às características do seu voo, tem a capacidade de pairar, técnica que utiliza para caçar presas localizadas em ramos ou folhas, juntamente com a capacidade de ouvir passivamente (sem ecolocalizar) [280].

## CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

**Estatuto:** Informação Insuficiente [51].

**Legislação:** Espécie incluída no anexo B-IV da Diretiva Habitats e nos anexos II das Convenções de Berna e Bona.

Sendo esta uma espécie florestal, o principal fator de ameaça reside na diminuição das áreas florestadas, nomeadamente de floresta madura e com espécies nativas. Os incêndios, a desflorestação e a substituição de floresta nativa por floresta de produção e monoculturas, são as principais causas da redução de habitat para espécies de morcegos arborícolas. O desaparecimento contínuo de habitat de floresta nativa contribui não só para a redução da disponibilidade de abrigos, como para a perda de áreas de alimentação. Outro fator de ameaça relevante para esta espécie são os atropelamentos, devido às características do seu voo, lento e realizado próximo do nível do solo [57].

Devido à existência de poucos abrigos conhecidos, com poucos indivíduos em cada abrigo, e à sua ecolocalização sussurrante, existe uma dificuldade acrescida na monitorização e avaliação das populações desta espécie. No entanto, a promoção da reflorestação com espécies florestais nativas e da preservação de áreas de floresta já existente, são medidas que poderão ser adotadas para a conservação desta espécie. A manutenção de zonas ripícolas com vegetação diversa e bem desenvolvida torna-se igualmente importante na disponibilização de habitat favorável. Será também relevante a conectividade entre estas áreas, permitindo a diminuição da possível fragmentação na distribuição desta espécie.

HELENA SANTOS



Fotografia de Paulo Barros